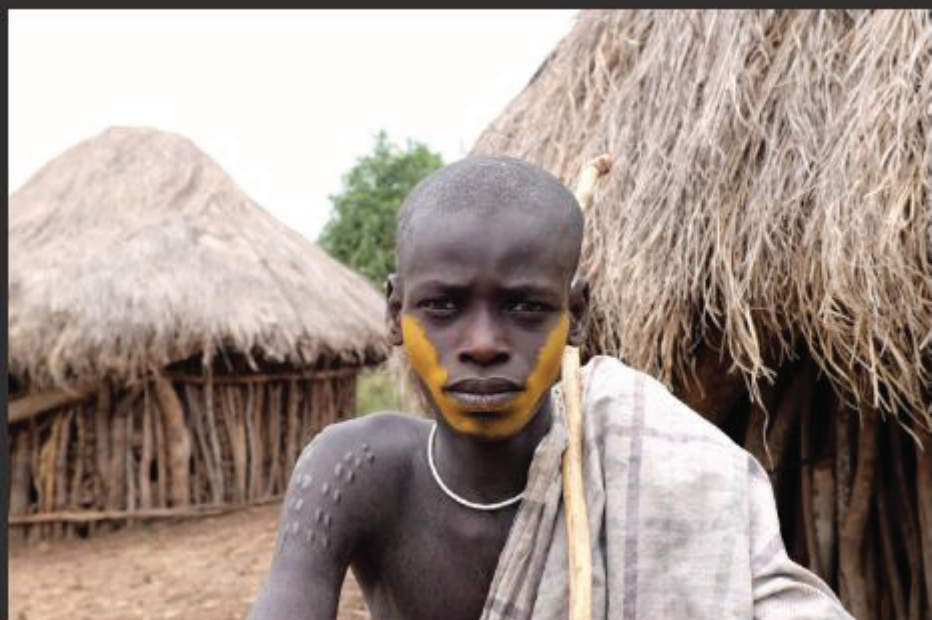


# MURSI

*Alcançando os não alcançados na Etiópia*



*Howie Shute*



O povo Mursi da Etiópia é uma comunidade de nómadas que não tinha sido alcançada com a mensagem do Evangelho até ao final do século 20. Deus chamou o missionário Howie Shute para mudar isso.

Howie e outros oraram juntos para que Deus removesse barreiras a fim de que as boas novas de Jesus pudessem ser proclamadas e recebidas pelos Mursi. Leia acerca das incríveis parcerias ordenadas por Deus, que trouxeram pessoas de todo o globo a trabalharem através da Igreja do Nazareno para alcançar os Mursi da Etiópia.



Missões Nazarenas Internacionais

ISBN 978-1-56344-849-2



9 781563 448492

MURSI

*Alcançando os não alcançados na Etiópia*

**2017/18 MNI**  
**RECURSOS PARA A EDUCAÇÃO EM MISSÕES**

---

---

**LIVROS**

**BDSW**

*Uma Biblioteca para o Mundo*  
*por Tammy Condon*

**TESTEMUNHA**

*Enxergando através de uma sociedade opressora*  
*por Gusztinné Tulipán Mária*

**VIVENDO LADO A LADO**

*Servindo o Povo de Cactus, Texas*  
*por Jenni Montebianco*

**MURSI**

*Alcançando os não alcançados na Etiópia*  
*por Howie Shute*

# MURSI

*Alcançando os não alcançados na Etiópia*

*por*

*Howie Shute*



**Missões Nazarenas Internacionais**

Copyright © 2017  
Casa Nazarena de Publicações

ISBN 978-1-56344-8492

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em qualquer sistema de recuperação ou transmitida de forma alguma ou por quaisquer meios - por exemplo, meios electrónicos, fotocópias ou gravação - sem a prévia permissão escrita da editora, exceptuando breves citações em artigos impressos.

Tradução feita por Daniela Nobre  
Edição feita por Raquel A. Espinhal Pereira

Capa: Juan Fernandez  
Paginação: Darryl Bennett

Todas as citações bíblicas, a menos que designadas de outra forma, são da Almeida Revista e Corrigida (ARC) Copyright 2009 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

# Índice

<b>PEFÁCIO</b>	6
<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<i>Uma viagem ao desconhecido - 1999</i>	11
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<i>O primeiro encontro - 1999 (Três dias depois)</i>	17
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<i>Nos bastidores - Fim de 1999/Início de 2000</i>	25
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<i>Os primeiros sinais do mover de Deus - 2002</i>	31
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<i>Desastre em Hilao - Novembro de 2004</i>	35
<b>CAPÍTULO 6</b>	
<i>O longo caminho para os mursi - Abril/Maio de 2005</i>	43
<b>CAPÍTULO 7</b>	
<i>A porta aberta - 1 de Maio de 2005</i>	49
<b>CAPÍTULO 8</b>	
<i>Guerra espiritual - 2 de Maio de 2005</i>	55
<b>CAPÍTULO 9</b>	
<i>Vitória - No mesmo dia</i>	61
<b>CAPÍTULO 10</b>	
<i>O rescaldo - Nos dias seguintes</i>	69
<b>CAPÍTULO 11</b>	
<i>Um desafio aos leitores</i>	75
<b>APÊNDICE</b>	81



# PREFÁCIO

As histórias deste livro desafiá-lo-ão a envolver-se em missões, na sua comunidade e no estrangeiro. É meu desejo que o comprometimento do leitor em fazer discípulos se aprofunde e fortaleça ao lê-las. Todos temos de nos focar em levar as nossas famílias a Jesus Cristo, mas também os nossos vizinhos, as nossas comunidades e mesmo aqueles que vivem a milhares de quilómetros de distância. Deus pode usar cada um de nós!

Para que a história da tribo Mursi tenha o impacto máximo na sua vida, providenciei algumas questões no fim de cada capítulo para que possa estudar e reflectir. Chamei a esta parte do capítulo, *Passando à acção*. Leia o capítulo e considere cada ponto apresentado no final, antes de prosseguir para o capítulo seguinte.

Enquanto escrevi este livro, orei por si. Quando o submeti à editora, pedi a Deus que fizesse coisas novas na sua vida. A minha oração é que se torne um instrumento de ganhar almas para Cristo e multiplicar os seus seguidores.



# INTRODUÇÃO

## *Desenvolvendo um contexto para a história*

Eu e a minha esposa, Bev, chegámos à Etiópia em Dezembro de 1997, vindo a servir enquanto missionários globais para a Igreja do Nazareno pelos 15 anos seguintes. Durante os primeiros 11, servimos enquanto líderes de missão no Corno de África. Nos últimos anos servimos a partir do Escritório Regional de África, em Joanesburgo, África do Sul, onde Bev era coordenadora regional de pessoal e eu era assistente do director regional. Porém, as histórias deste livro referem-se à nossa missão no Corno<sup>1</sup>.

O Corno de África é um mosaico surpreendente de uma variedade de culturas e línguas. Há mais de 600 línguas faladas no Corno e cada uma representa grupos de pessoas<sup>2</sup> com culturas distintas. Da perspectiva das missões, alcançar estes grupos com o Evangelho requer uma estratégia diferente para cada um. Assim, alcançar as pessoas de um país exige mais do que uma estratégia geral para o mesmo. Quer isto dizer que estratégias diferentes devem

---

<sup>1</sup> O Corno é uma abreviatura que designa a região do nordeste da África conhecida como o Corno de África, composta pela Etiópia, Eritreia, pelo Sul do Sudão e por diversas áreas conhecidas como Áreas de Acesso Criativo na Igreja do Nazareno. Uma Área de Acesso Criativo (CAA) designa uma área onde não é seguro publicitar o trabalho das nossas equipas de trabalho.

<sup>2</sup> A expressão 'grupo de pessoas' refere-se a grupos que partilham características específicas que formam uma identidade comum (língua, costumes, regras e práticas que definem quem são).

ser desenvolvidas para cada grupo de pessoas. Dá para entender, então, a complexidade do trabalho missionário, particularmente no Corno, considerando os seus 600 grupos.

Dentro das fronteiras da Etiópia apenas, encontram-se 90 grupos de pessoas. Tal significa que há uma grande probabilidade de que cada um deles precise da sua própria estratégia para vir a conhecer as Jesus. Os mursi são um desses grupos.

Muitos etíopes pertencem a grupos não alcançados, isto é, grupos sem um movimento nativo de propagação da igreja cristã. Qualquer grupo étnico sem cristãos suficientes para evangelizar o resto do povo pertence à categoria de grupo não alcançado. Este livro conta a história de como alcançámos os mursi, que são, por definição, um grupo não alcançado. Para dizer a verdade, quando iniciámos a nossa missão junto dos mursi não conhecíamos um único crente pertencente à tribo.

O meu papel no Corno de África era coordenar e dirigir as missões da denominação, nos seis países que o compõem, e fazer discípulos nos 600 grupos de pessoas desta entusiasmante, complicada e às vezes perigosa, parte do continente africano. Servi inicialmente enquanto coordenador da missão do Corno de África e, mais tarde, enquanto coordenador de estratégia de campo (CEC) dos mesmos países, quando se tornaram um campo independente.

Um CEC coordena todo o pessoal missionário, finanças, ministério de compaixão, plantação de igrejas, desenvolvimento de igrejas e utilização de recursos. O CEC tem o objectivo de enfatizar a responsabilidade de desenvolver e implementar a estratégia para alcançar pessoas de todos os grupos, dentro das fronteiras do campo, e de desenvolver igrejas fortes, produzindo discípulos semelhantes a Cristo vindos de todos os grupos.

Vi coisas incríveis durante os nossos 11 anos no Corno. Uma explosão tal de igrejas e novos crentes que só podia ser o mover de Deus. Vidas foram transformadas e os milagres aconteciam diariamente. Um líder de missão não podia pedir mais! Certo? O problema era que a igreja estava, de facto, a expandir-se, mas em grupos que já haviam sido alcançados. Estava feliz por todos os novos crentes que se juntavam à igreja diariamente. E pelas novas igrejas que iam emergindo em quantidades fenomenais. Mas havia um anseio no meu coração que não me deixava, até que todos os grupos fossem alcançados.

E assim o peso de alcançar a tribo Mursi caiu sobre os meus ombros. O meu coração desejava alcançar estas pessoas. A sua cultura e a sua língua eram tão diferentes de todas as outras no Corno de África, que seria preciso uma estratégia única e um verdadeiro mover de Deus para alcançá-las. Este livro conta a história de como Deus nos deu a estratégia para alcançar os mursi e de como Ele nos usou para lhes levar o Evangelho.





# CAPÍTULO 1

*Uma viagem ao desconhecido - 1999*

“Ayo!” bradou o jovem etíope que ia no lugar do passageiro do meu Toyota Land Cruiser. Era a sua forma de dizer “põe os olhos na estrada”. Foi um aviso. Eu estava prestes a fazer hambúrguer de uma vaca que reivindicava o direito ao centro da estrada mesmo à minha frente. Mas não era fora do comum; conduzir nas estradas da Etiópia na década de 1990 era um desafio.

Deixámos a cidade capital de Adis Abeba cedo naquela manhã, numa jornada rumo ao canto Sudoeste da Etiópia. Na primeira parte do dia, conduzimos junto à estrada que ia dar a Awassa, no Sul. Era uma estrada asfaltada, mas estava em tão mau estado que achámos que seria mais rápido conduzir na berma por entre o mato. Deixá-la para trás na cidade de Shashamane, do povo oromo, foi um alívio. Continuámos caminho em direcção à cidade de Sodo do povo wolaita. Depois de almoçarmos a *típica injera*<sup>3</sup> com

---

<sup>3</sup> Injera são uns grandes crepes feitos com farinha fermentada em água durante 2-3 dias e depois assados numa chapa de ferro ou numa placa de barro sobre um fogão; devido à fermentação, as injera são húmidas e fofas e são colocadas sobre um prato onde se serve o wot ou outra comida da culinária da Etiópia.

*tibs*<sup>4</sup> no Hotel Bekele Mola, pusemo-nos a caminho da cidade de Arba Minch na Região das Nações, Nacionalidades e Povos do Sul. Num dia apenas, passávamos por uma quantidade de áreas tribais com uma enorme diversidade de culturas e dialectos.

É fácil ficar hipnotizado pela bela paisagem, pelos rostos amigáveis do povo e pelo barulho dos pneus pesados, que batem contra as centenas de quilómetros de estrada. Foi numa dessas alturas que Getahun me gritou “Azyo!”, em jeito de aviso. Tinha passado o dia inteiro a desviar-me de vacas, cabras, ovelhas e galinhas - para não falar na quantidade de burros, que se recusavam terminantemente a arrear pé. (Apesar dos burros, animais domesticados, o negarem, a estrada era minha, não deles.) O aviso de Getahun veio em boa hora.... Guinei para longe da vaca teimosa que se recusava a ceder terreno para meu Land Cruiser passar.

Tal qual os animais, que teimam em ocupar a estrada, também as pessoas partilham da mesma fixação. É comum encontrar homens, mulheres e até crianças no meio da estrada, levando os seus animais para o mercado. Na verdade, nos dias de mercado, viajar nas estradas da Etiópia torna-se uma tarefa espantosamente demorada. Mesmo nos dias em que não há mercado, a população rural da Etiópia tem o hábito de se reunir na estrada para pôr a conversa em dia sobre as actividades da noite anterior e as novidades que vêm das grandes cidades.

Com 90 grupos étnicos, a população da Etiópia é altamente diversificada. A sua cultura varia de povo para povo e falam-se uma infinidade de dialectos. Apaixonei-me por este povo desde o primeiro momento. São um povo lindo, com corações calorosos.

---

<sup>4</sup> Tibs é um prato de carne frita cortada em pequenos pedaços e servida em cima da injera.

Considero que conhecê-los foi um dos maiores privilégios que tive na vida.

O objectivo da nossa viagem era ter um primeiro contacto com um desses grupos tribais. Já tinha lido sobre a tribo Mursi numa revista da *National Geographic*, antes de chegar à Etiópia. Um dos artigos chamou-me a atenção; vinha acompanhado de fotografias incríveis das mulheres mursi. As fotografias mostravam-nas ornamentadas com grandes discos labiais altamente decorados. O artigo explicava o costume.

As mulheres mursi cortam o lábio inferior, deixando-o ligado à boca apenas nas laterais. Uma estaca de madeira é colocada na incisão, mantendo o lábio inferior afastado da boca. A mãe da adolescente (ou outra mulher da família) realiza o simples procedimento cirúrgico, que geralmente ocorre antes do seu casamento (por volta dos 14 anos de idade). A jovem continua a inserir estacas de madeira progressivamente maiores durante os meses e anos seguintes, acabando por substituí-las por discos decorativos. O disco labial é sinal de força e beleza feminina. Alguns dizem que quanto maior o disco, mais bela a mulher.

Era uma viagem de três dias de condução constante para chegar à zona onde viviam os mursi. Pernoitámos em Arba Minch e partimos de manhã cedo numa viagem pelo vale de Omo do Sul. A estrada enleava-se nas ribeiras secas, em direcção à cidade de Jinka, a última cidade a caminho do canto Sudoeste do país. O terreno aparentemente desértico iludia - a chuva nas montanhas passava despercebida aos viajantes na estrada, mas de um momento para o outro o leito das ribeiras inundava-se com uma corrente tal que levava os veículos consigo. Mais do que um Land Cruiser e os seus ocupantes foram vítimas das enchentes no vale de Omo do Sul.



Orámos, enquanto conduzíamos, pedindo a Deus que não fôssemos mais um.

Depois de um longo dia a desviarmo-nos de buracos, pessoas e animais e de um segundo dia de viagem solitária pelo deserto quente, chegámos a Jinka. Após um descanso merecido no Hotel Orit, continuámos a viagem em direcção a uma das áreas mais remotas da Etiópia. A nossa viagem levou-nos pelo Parque Nacional de Mago, uma savana com algumas áreas florestadas aqui e ali, junto aos rios. Uma variedade de animais selvagens vagueiam pela reserva nacional, que se estende por uma área de 2000km<sup>2</sup> de mato. Já tínhamos visto vários antílopes e zebras ao longo do caminho; topis, búbalos e cudus, várias espécies de antílopes africanos, fugiam



Num dos meus encontros com o povo Mursi, esta jovem senhora permitiu que lhe tirasse foto. Foi o ver uma foto como esta que despertou o meu interesse em visitar este povo maravilhoso.

à medida que o nosso veículo avançava para o coração da savana que servia de casa a tantos grupos tribais. As tribos Aari, Banna, Bongoso, Hamar, Karo, Kwegu, Male e Mursi, viviam nesta região.

Os animais selvagens são evasivos. Podemos não os ver, mas estão lá. Às vezes vêem-se búfalos, girafas e elefantes. Mas são os leões e os leopardos que representam a verdadeira ameaça, especialmente quando é necessário mudar pneus furados a meio da viagem, o que é comum. As povoações remotas desta região da Etiópia vivem abertamente no meio destes predadores itinerantes.

À medida que avançávamos, tínhamos consciência de que encontrar o povo mursi não seria tarefa fácil, uma vez que são nómadas. Eles estabelecem as suas aldeias onde o terreno é mais favorável à agricultura. Se determinada área passa por uma seca, eles procuram outro lugar onde a chuva tenha caído em abundância. Cultivam principalmente milho, que é o vegetal base da sua alimentação. Também o usam para alimentar o seu gado quando o capim e o feno não são suficientes.

As vacas são extremamente importantes para os mursi, porque fornecem a carne e o leite que compõe a sua parca dieta. Também é das vacas que vem o sangue usado nos seus rituais, por exemplo, o de beber uma mistura de leite e sangue. Para não desperdiçar, fazem um pequeno corte na artéria da vaca e extraem apenas o sangue necessário para o ritual, deixando-a viva e de saúde. Se se pretende estabelecer um relacionamento com este povo é necessário, por vezes, participar neste ritual. Esperava não ter de me aproximar tanto deles logo na primeira viagem.

## *Passando à acção*

- O que é que tem feito para criar laços com as pessoas da sua comunidade, vizinhos ou familiares que ainda não foram alcançados pelo Evangelho?
- De que forma pode desenvolver relacionamentos frutíferos com estas mesmas pessoas?
- Muitas pessoas ouviram o Evangelho, mas não o entenderam. De que forma pode tornar o Evangelho mais relevante para os que estão à sua volta e que, ou desconhecem, ou estão mal informados acerca das Boas Novas que temos em Jesus?
- Já tomou alguma acção consciente no sentido de receber treino sobre como melhor partilhar a sua fé? Se sim, qual?
- Muitos abstêm-se de ser testemunhas da sua relação com Cristo por causa do constrangimento, inconveniência ou medo. Se faz parte deste grupo ore, agora, pedindo que o Espírito Santo lhe dê confiança para partilhar o Evangelho.
- Noventa por cento dos cristãos evangélicos nunca partilhou o Evangelho em toda a sua vida. Com quem partilhará a sua fé este mês?



# CAPÍTULO 2

*O primeiro encontro - 1999 (Três dias depois)*

Acabámos por nos deparar com um posto missionário onde um casal americano, que servia o SIM (*Society for International Missionaries [Sociedade para Missionários internacionais]*), tentava chegar à população mursi. O SIM desenvolvia programas de educação e desenvolvimento, saúde, agricultura, redes de água e criação de gado. A esposa estava em casa e eu perguntei-lhe se nos poderia ajudar a encontrar os mursi. Ela indicou-nos um caminho que levava a uma floresta e disse-nos que havia uma aldeia mursi instalada a poucos quilómetros de onde nos encontrávamos. Portanto, a partir desta altura, a viagem continuaria a pé.

Sabendo não ser prudente deixar um veículo abandonado numa zona tão remota, teria de encontrar alguém que o guardasse para que Getahun e eu pudéssemos continuar a nossa viagem. Nesse momento, um homem mursi passou por nós com uma AK-47 ao ombro. Como não sabíamos a sua língua, tentámos comunicar por gestos. Percebemos que nos saímos bem quando o homem subiu para o meu Land Cruiser e se sentou no tejadilho de arma nos braços.

Atravessámos a floresta, o que levou mais ou menos uma hora, sempre pelo caminho que nos foi indicado. Pensámos que, se nos mantivéssemos no caminho, certamente chegaríamos à aldeia. Viajar no meio da selva, a pé, é rotineiro para os habitantes da região, mas para dois recém-chegados como nós, podia ser muito perigoso. Getahun nasceu e cresceu na Etiópia, mas sempre na capital. Nunca tinha estado numa região tão remota e muito menos na selva. Não esqueçamos que os leões, os leopardos e as hienas viviam naquela região e que, muitas vezes, as próprias tribos estavam em conflito armado por causa do gado desaparecido (provavelmente, a razão pela qual o homem, que ficou a guardar o carro, andava com uma AK-47). Mas a nossa confiança não estava em nenhuma arma, ao caminharmos pela selva à procura dos mursi. A nossa confiança estava absolutamente em Deus, que nos inspirou nesta busca por uma tribo que nunca ouvira falar do Evangelho. O SIM tinha iniciado contacto com a população mursi, mas eles ainda não haviam colocado a sua fé em Cristo Jesus. (Na altura não sabíamos, mas já tinham levado um jovem a Cristo. Falo nele mais à frente.)

De repente, o caminho levou-nos para fora da floresta e deparámo-nos com uma árida savana e uma aldeia improvisada mesmo à nossa frente. As mulheres e as crianças regressavam dos campos. Quando nos viram, apressaram-se em chegar às suas cabanas para se prepararem para as visitas inesperadas. Reparámos nos lábios inferiores soltos, pendurados junto ao queixo. Quando as voltámos a ver, já vinham ornamentadas com os discos decorativos. Descobrimos que as mulheres não usam os discos labiais quando comem, trabalham ou jogam. Mas quando têm visitas adornam-se com estes, tal como as mulheres ocidentais usam jóias quando se vestem elegantemente.

Getahun não fez o mesmo brilhaete que eu. Os mursi já tinham visto etíopes de outras tribos, mas homens brancos eram raros nesta região. Não pareciam ter medo de nós, mas também porque razão haveriam de ter? Quase todos, homens e mulheres, andavam com uma AK-47 ao ombro; e nós, caminhando pela sua aldeia como se fôssemos para um piquenique da escola dominical.

As suas casas eram palhotas construídas em pé de milho. Olhando para o campo reparei que as maçarocas estavam quase todas colhidas e que os pés eram poucos e espaçados, por terem sido usados na construção das palhotas. Mais tarde, acabei por aprender que os mursi só usam os pés de milho para construir palhotas em aldeias temporárias junto aos campos de cultivo. Nas aldeias mais permanentes, constroem cabanas tradicionais de barro e palha.

Reparei na agitação geral quando puxei da minha máquina fotográfica. Lembrei-me que na tribo Hamar, vizinha dos mursi, não era



As crianças de uma tribo remota estavam muito interessadas em verme. Raramente encontravam homens brancos na sua aldeia. Embora não fálássemos o seu idioma, tivemos minutos preciosos a tentar comunicar através de gestos e expressões faciais.

permitido fotografar, qualquer que fosse a razão. Eles acreditavam que as fotografias capturavam a alma, fazendo-a prisioneira de quem as tirasse. Na verdade, andar com uma máquina fotográfica na vizinhança do povo hamar era correr riscos desnecessários. Uma vez, um amigo meu fotografou um crânio de uma vaca, pendurado na vedação junto aos campos de cultivo dos hamar. De repente, um deles desatou a correr em sua direcção com um taco de beisebol na mão. Só tivemos tempo de saltar para o meu Land Cruiser e fugir antes que ele nos apanhasse. Naquele dia mal escapámos à sua retaliação. Descobri, mais tarde, que eles penduram crânios de animais mortos porque acreditam que tornará os seus campos férteis. Também acreditam que quem tira a fotografia rouba a fertilidade e leva-a consigo.

Demorei algum tempo a perceber que os mursi não se importavam de ser fotografados, desde que adequadamente compensados. Percebi que não me deixariam fotografar sem qualquer tipo de pagamento; parece que já tinham encontrado turistas que lhes pagaram pelas fotografias. Tornei-me perito em fotografar com a máquina na cintura. Tirei algumas fotografias que não se aproveitaram de todo, mas, com a prática, começaram a sair como se fossem tiradas por um profissional.

O tempo com os mursi nesta primeira viagem foi breve. Munidos apenas de gestos como única forma de comunicação, não ambicionávamos mais do que um primeiro contacto. Na caminhada de regresso ao carro, orei e comecei a planear um novo encontro.

Quando chegámos ao carro, encontrámos o guarda ainda sentado no topo do veículo, de arma em punho e com olhar ameaçador. Era chegada a hora de lhe pagar; tinha cumprido a sua missão. Ele esperou pacientemente em cima do carro, enquanto eu abri a carteira à procura de dinheiro etíope, o birr.



Na capital, um birr era suficiente para compensar a guarda do veículo, se este estivesse estacionado na rua durante uma ou duas horas. Aqui, no meio do mato, um birr seria uma pequena fortuna - pensei eu.

Entreguei-lhe uma nota de um birr, mas recusou-a com um ar de desdém. Manteve-se sentado, como se me desafiasse. O que é que eu podia fazer? Ele é que tinha a arma. Dupliquei a oferta; mais uma vez, abanou a cabeça em recusa. Então, convencido de que uma nota de 5 birr resolveria o assunto, estendi-lhe a mão com um sorriso. Mas não pude acreditar! Nem com uma nota de 5 birr o guarda ficou satisfeito. Por esta altura já estava a ficar farto da situação. Estendi-lhe uma nota de 10 birr, mas a reacção foi a mesma. O guarda teimava em não aceitar o meu generoso pagamento.

Já estava tão frustrado com a situação que pedi a Getahun para tirar o homem do tejadilho do meu carro. Recusava-me a ser abusado desta forma, mesmo tendo ele uma arma na mão. De alguma forma o homem percebeu o meu descontentamento. Saltou do carro e correu em direcção à estrada por onde passaríamos com o Land Cruiser. Vi-o desaparecer no mato junto à estrada. Sempre com a arma ao ombro, claro. Percebi que esta era a única estrada para regressarmos a casa e que o guarda estaria à nossa espera no caminho. Como diz o ditado, “o seguro morreu de velho”. Tinha duas opções, ou pagava o que ele queria ou arriscava-me a levar com uma chuva de tiros da arma automática que carregava.

Getahun não parecia nada satisfeito quando lhe pedi que fosse buscar o homem ao meio do mato, mas entendia a nossa situação, talvez melhor do que eu. Não demorou muito a regressar com o não-tão-amigável guarda mursi. Levei a mão ao bolso e entreguei-lhe cem birr. Um grande sorriso eclodiu no seu rosto e a hostilidade

desapareceu. Cem birr são cerca de 14 dólares americanos. Apesar de não ser um rombo no meu orçamento, era o equivalente ao salário de uma semana de um trabalhador de classe média na capital.

Era hora de regressar a Adis Abeba. Enchemos o depósito com o bidão de gasolina que trazíamos no tejadilho. O combustível era escasso nas regiões mais remotas, por isso viajávamos sempre com combustível suficiente para regressar à cidade. Além disso, naquela altura, o combustível era racionado por causa da guerra entre a Etiópia e a Eritreia. Mais uma razão para levarmos combustível extra nas nossas viagens.

Depois de atestarmos o depósito demos início à viagem de regresso a casa. Três dias para voltar a dormir na minha cama, se conduzíssemos de sol a sol. Teríamos de evitar inundações, pneus furados e avarias. Tal era a vida em viagens pela Etiópia rural.

Durante três dias viajámos num veículo que já me tinha levado em inúmeras viagens por todo o país. Falámos menos no regresso a casa.

Não posso falar em nome do Getahun, mas da minha parte, os meus pensamentos estavam centrados naquele povo. Eles inserem-se na categoria religiosa das Religiões Tradicionais Africanas (ATR). Os grupos tribais pertencentes a esta categoria são os mais difíceis de alcançar pois são animistas. Como o animismo parte do princípio de que não há separação entre o mundo espiritual e o físico, as plantas e os animais, até as rochas, as árvores e os rios, têm alma. O que leva os animistas a verem vários deuses na criação. Os mursi, e tantos outros povos animistas, não sabem absolutamente nada acerca do único criador, o Deus vivo. Estão perdidos e enfrentam a eternidade sem Cristo, a menos que o Evangelho lhes seja levado.

Ao longo das centenas de quilómetros na viagem de regresso o meu pensamento encheu-se da necessidade de voltar a contactar este povo. Como é que lhes faríamos chegar o Evangelho? Há demasiadas barreiras - a língua, a cultura, a falta de um relacionamento real, a chave para abrir os seus corações ao Evangelho. As barreiras pareciam intransponíveis.

E orei: “Senhor, abre a porta dos corações destas pessoas. Remove as barreiras. Dá-nos a oportunidade de lhes apresentarmos a mensagem do Evangelho de forma a que o entendam. Eles precisam de Jesus.” E terminei a minha oração ao Senhor com um esperançoso “amém”. Quando regresssei a Adis Abeba, publiquei no boletim um apelo aos nossos parceiros que se juntassem a mim nesta oração. Exortei a igreja nos EUA a orar para que Deus nos desse uma estratégia eficaz para alcançar os mursi e abrir a porta para lhes falarmos das Boas Novas de Cristo. E deixei tudo nas mãos de Deus.

## *Passando à acção*

- Como acha que Deus quer que partilhe a sua fé com quem é completamente diferente de si? Seria uma estratégia diferente daquela que usaria para testemunhar junto dos que lhe são semelhantes?
- Muitas vezes temos de ir além das nossas expectativas para partilhar Cristo com os perdidos. Podemos não ter de viajar durante dias para chegar à pessoa perdida. Podemos nem ter grandes diferenças culturais da pessoa que tentamos alcançar. No entanto, alguns recusam-se a ouvir falar do Evangelho. De que forma podemos construir relacionamentos com estas pessoas, que lhes permitam ouvir falar de Cristo?
- Ter um parceiro de evangelização é uma boa ajuda. Que impacto acha que teria o facto de ter alguém a orar consigo pela pessoa que quer trazer a Cristo? Ajudá-lo-ia ter alguém que o mantivesse focado no compromisso de ser testemunha do amor de Deus?
- Quando foi a última vez que o Senhor lhe colocou uma pessoa específica a quem testemunhar no coração? Se já foi há muito tempo, que acções deve tomar para dar início a esta jornada?



# CAPÍTULO 3

*Nos bastidores - Fim de 1999/Início de 2000*

Deus começou a trabalhar! Não o percebi na altura. Na verdade, eu não fazia ideia de que Deus estava a usar o meu boletim informativo para contagiar o coração de um empresário em Roanoke, Virginia, com uma paixão profunda pelos mursi.

O meu primeiro contacto com Glen e David Argabright foi no final de 1999, o mesmo ano em que conheci a tribo. Os irmãos Argabright eram empresários empreiteiros que doavam grande parte do seu lucro a projectos missionários. Estavam envolvidos com o projecto de Trabalho e Testemunho em todo o mundo há cerca de 20 anos. Ainda assim, concordaram em apoiar um novo projecto no ano em que conheci os mursi, canalizando o seu lucro para financiar as equipas do filme JESUS. Em meados de 1999, patrocinavam o trabalho no Equador e nas Filipinas. Glen e David trabalhavam como uma equipa. Glen concentrava-se no ministério do filme JESUS e David seguia-o com uma equipa de Trabalho e Testemunho, construindo novas igrejas e locais de adoração gerados pelo filme.

À medida que viam milhares de pessoas chegarem a Jesus através destes dois ministérios, começaram a ver como Deus poderia usar o seu trabalho e as suas vidas para impactar o reino grandemente. Glen disse: “Deus deu-me uma verdadeira paixão por este ministério; não demorou muito até que quiséssemos patrocinar, orar e envolver-nos com mais equipas.” Em Novembro de 1999, começaram a patrocinar equipas na selva amazónica do Peru. Eram agora patrocinadores de um número considerável de equipas em três países. Glen disse, novamente: “não era suficiente, queríamos estar envolvidos em mais.” Deus tinha colocado um anseio pelos perdidos no coração destes dois irmãos.

No final de 1999, o departamento de Missões Globais da Igreja do Nazareno colocou-os em contacto comigo no Corno de África. Em Janeiro de 2000, patrocinaram a primeira equipa do filme JESUS na Etiópia, na região de Gambella do povo Nuer, descendentes do Sudão<sup>5</sup>. A resposta a cada exibição do filme era muito positiva. Contávamo-los aos milhares. Todas as noites, centenas respondiam à chamada para orar e entregar os seus corações a Jesus.

Glen e David doaram quantias generosas para patrocinar outras equipas no Corno. A sua participação cresceu para o patrocínio de mais de dez equipas nesta região. Os Argabright eram apaixonados por este ministério, e o seu apoio foi além das finanças. Tornaram-se guerreiros de oração pelo Corno e visitavam as equipas frequentemente. Enviaram várias equipas de Trabalho e Testemunho para construir centros de estudo nos distritos e financiaram a conclusão dos mesmos, promovendo assim a formação de novos convertidos e pastores.

---

<sup>5</sup> Os antepassados do povo Nuer emigraram para a Etiópia alguns anos antes, devido a uma série de factores: seca, guerra, etc.

Eles mantinham registos minuciosos. De Janeiro de 2000 a Julho de 2007, os seus relatórios indicam que 6 854 257 pessoas no Corno de África viram o filme JESUS e que 2 032 015 pessoas professaram a sua fé em Cristo. Graças a esta preciosa ferramenta de evangelismo, assistimos a um considerável crescimento espiritual no Corno de África.

A segunda equipa que Glen patrocinou no Corno de África, foi a que viria a trabalhar no vale de Omo do Sul, na Etiópia. Os trabalhos começaram em Novembro de 2000. Os mursi eram apenas um dos muitos povos não alcançados nesta região. Quando sugeri a Glen que patrocinasse uma equipa nesta área, nem sequer os tinha em mente. Aliás, não estava convencido, de todo, que seria uma forma eficaz de alcançar um povo que não tinha qualquer conceito de um criador soberano. As minhas razões prendiam-se mais com os povos que viviam ao redor de Jinka, a maior cidade da zona, que também precisavam de ouvir o Evangelho. Mal sabia eu que Deus já estava a preparar caminho, quando sugeri Omo do Sul como área estratégica. E mal sabia eu que Deus estava a plantar no coração de Glen um constrangimento profundo por um povo perdido com costumes estranhos (para ele) e uma língua que ninguém na nossa igreja conhecia.

John Cunningham, coordenador de estratégia do campo África Este, na altura, leu o boletim informativo publicado por mim no ano anterior<sup>6</sup>. Depois de ler o meu apelo aos nossos parceiros e apoiantes, John enviou um e-mail a Glen. John escreveu que orava para que Deus colocasse a tarefa de levar Jesus aos mursi, um povo que vivia no lugar mais remoto da Etiópia, nos nossos corações.

---

<sup>6</sup> Estes acontecimentos sucederam antes do Corno de África se separar do Campo África Este para formar o seu próprio campo.



A secretária de Glen imprimiu o e-mail e entregou-lho quando ele saiu na hora de almoço. Ao ler a mensagem, Glen ficou tão comovido que foi para a biblioteca em vez de almoçar. Pediu à bibliotecária que o ajudasse a encontrar o que tinham acerca dos mursi e assim começou a busca que inexplicavelmente se alojaria no seu coração nos anos seguintes. A bibliotecária encontrou um livro com algumas fotografias e ao observar os seus rostos, foi dominado pela necessidade de os alcançar. Glen escreveu-me, mais tarde, dizendo: “Causámos uma cena na Biblioteca Municipal de Roanoke naquele dia. As minhas emoções levaram a melhor de mim, ao imaginar aquelas pessoas (com discos de barro nos lábios e costumes inacreditáveis) curvando-se perante Jesus.” Naquele dia Glen começou a orar pelo povo mursi; e assim fez, dia após dia, ano após ano, crendo que o constrangimento que Deus lhe deu levaria a uma colheita de almas miraculosa.

À medida que as minhas viagens de reconhecimento a Omo do Sul iam acontecendo, eu informava os nossos parceiros e apoiantes de como corria a missão, através de boletins com fotografias dos povos da região. Não tinha qualquer ideia do que se passava no coração de Glen, nem do seu desejo de alcançar estas pessoas. Mais tarde, disse-me que sua paixão pelo povo mursi era alimentada e aprofundada de cada vez que recebia fotografias das tribos de Omo do Sul. Mal sabia eu que Deus estava a trabalhar na vida de um empresário de Roanoke, na Virgínia, para ajudar a alcançar um grupo de pessoas perdidas numa zona remota do Sul da Etiópia.

## *Passando à acção*

- Quão importante acha que foi a paixão e incessante oração de Glen (na Virgínia, EUA), para a salvação do povo mursi (na Etiópia)? Quão importante é para si orar pelas pessoas, de perto ou de longe? Está disposto a deixar Deus usá-lo num ministério de oração?
- Glen e David Argabright fizeram sacrifícios consideráveis para alcançar pessoas para Cristo. Que sacrifícios está disposto a fazer se puder resultar na salvação de alguém?
- De que forma usa os recursos que tem, nomeadamente de tempo, talento e riqueza? Fazem alguma diferença em como outros viverão a eternidade? A sua participação no Fundo de Evangelismo Mundial permite alcançar outros que também precisam do Salvador e a sua estrutura cooperativa ajuda a que cada um de nós faça mais em conjunto, do que faria sozinho.





# CAPÍTULO 4

*Os primeiros sinais do mover de Deus - 2002*

Em apenas dois anos começamos a ver sinais do mover de Deus no Corno de África. Milhares vieram a Cristo. Centenas de igrejas foram plantadas. As equipas do ministério do filme JESUS aventuravam-se pelas cidades, vilas e aldeias do mato profundo. Vários povos ouviram falar do Evangelho pela primeira através do filme JESUS.

O ministério funcionava da seguinte forma: as equipas chegavam às aldeias onde exibiriam o filme várias noites consecutivas. No final de cada exibição, alguns membros apresentavam o Evangelho e chamavam quem quisesse comprometer-se a seguir Jesus. Muitos oravam para receber Jesus como seu Senhor e Salvador. Os nazarenos das aldeias vizinhas, treinados pelas equipas e líderes distritais, visitavam a aldeia durante os dias seguintes para disciplinarem os novos convertidos e evangelizarem casa a casa. Muitos, muitos outros vieram a Cristo desta forma, uma tarde bem passada e uma chávena de café.

Em 2002, a multiplicação de crentes e igrejas no Corno de África chamou a atenção dos líderes denominacionais. A Região de

África foi reorganizada, passando o Corno de África a campo independente do anterior África Este. Eu fui nomeado coordenador de estratégia do novo campo.

Em 2004, a multiplicação de novos convertidos e igrejas aumentou exponencialmente. Os nazarenos do Corno de África viveram um movimento idêntico ao que mudou o mundo no primeiro século. O livro de Actos tornou-se a realidade da Igreja do Nazareno no Corno. Os nazarenos davam prioridade à missão de Cristo, passando os seus interesses pessoais para segundo plano. Víamos feiticeiros e curandeiros entregarem-se aos pés de Jesus com alguma regularidade. Milhares de pessoas de outras confissões voltaram-se para Jesus, e os lugares de adoração outrora devotos a outros, transformaram-se em Igrejas do Nazareno.

Com milhares de pessoas a chegar a Cristo anualmente, a tarefa mais complicada era formá-los e equipá-los enquanto líderes leigos, pastores e superintendentes distritais. Foi adoptada uma estratégia de ensino e re-ensino e a formação era dada nos centros de estudo<sup>7</sup> espalhados pelo campo. A fim de providenciar infra-estruturas adequadas para equipar os novos obreiros, começámos a construir centros de estudo por toda a região. David Argabright interveio, providenciando liderança e coordenação às equipas de Trabalho e Testemunho. Também trouxe as suas equipas que já tinham construído vários edifícios noutros países do campo. No que toca à construção dos centros de estudo, David foi o grande impulsor. E como consequência, passava muito tempo no Corno, a supervisionar as construções. Glen brincava comigo de vez em quando, perguntando-me se podia mandar o seu irmão para casa,

---

<sup>7</sup> Ver o apêndice dos Princípios Estratégicos para o Corno de África.

para o ajudar a gerir o negócio dos dois. Ambos tiveram uma contribuição significativa na missão de alcançar os perdidos no Corno de África. Muitos grupos tribais estavam a ser alcançados, mas os mursi ainda viviam perdidos no pecado, sem esperança para a eternidade. Eu orava para que uma porta se abrisse e pudesse chegar a estas pessoas, ainda alheio ao ardor que nascera no coração de Glen.

## *Passando à acção*

- O mover de Deus no Corno de África exigiu muito de muitas pessoas. O que acha que seria exigido de si para que tivesse uma experiência idêntica na sua comunidade ou nação?
- Muito do que se passou no Corno aconteceu, porque vários nazarenos deram prioridade à missão de Cristo, passando os seus interesses pessoais para segundo plano. Qual é a sua prioridade? Que passos deve tomar para que Cristo e o Reino estejam em primeiro lugar na sua vida?



# CAPÍTULO 5

*Desastre em Hilao - Novembro de 2004*

Em Novembro de 2004, o David estava na Etiópia a supervisionar a construção de centros de estudo em todo o país. Um dos centros era em Arba Minch, no vale de Omo do Norte. Estávamos juntos a inspeccionar o trabalho de Elias, empreiteiro etíope, e a rever os trabalhos necessários para as próximas equipas de Trabalho e Testemunho. A partir daí, planeámos uma visita a Jinka, onde estávamos a considerar a possibilidade de construir um centro de estudo regional. Uma visita a Jinka pôr-nos-ia a meio dia de viagem dos mursi. Eu ainda não tinha tido oportunidade de regressar à aldeia que visitara com Getahun, mas continuava em oração feroz por eles e desejava muito uma segunda visita.

Resolvemos embarcar numa nova aventura para chegar àquele povo. Queríamos conhecê-los melhor e, talvez, encontrar a chave que abriria a porta que os levaria a Cristo. Convidei alguns líderes nazarenos para nos acompanharem na viagem: Friday Ganda, o missionário queniano responsável pelo trabalho no Sul da Etiópia; Terry Barker, o nosso coordenador da educação do campo; e Gelaye Ganta, superintendente distrital de Omo. Estes líderes arrancaram



conosco pela estrada acidentada entre Arba Minch e Jinka, por terrenos áridos e quentes. Já em Jinka, encontrámo-nos com Adamo Adelo, o líder da zona de Omo do Sul, que se juntou à nossa comitiva. O plano era visitar a aldeia mursi mais permanente, Hilao, em pleno território selvagem, para lá do Parque Nacional de Mago.

Após a pernoita em Jinka, arrancámos pelo parque, encontrando vários grupos tribais pelo caminho. David era um empreiteiro e construtor hábil, mas também era um fotógrafo autodidacta. Muitas vezes lhe disse que devia trabalhar para o *National Geographic*. Tinha tendência para fotografar tudo; o obturador da sua máquina não parava. Reparei, no entanto, que ficou de tal forma estupefacto ao passarmos um grupo de homens nus, que traziam o corpo pintado, que nem pegou nela. O David recebeu um curso intensivo em diversidade cultural durante a nossa viagem.

Acabámos por chegar a Hilao. As mulheres desapareceram; quando regressaram, já traziam os seus discos labiais e os bebés ao colo. Os homens continuaram a jogar Huroy<sup>8</sup> animadamente, movendo as suas peças de buraco em buraco. À medida que iam jogando, avançando com as suas peças no tabuleiro e capturando as do adversário pelo caminho, riam-se e provocavam-se uns aos outros numa competição amigável.

A aldeia já tinha sido visitada por outros grupos de pessoas brancas. As mulheres, com os seus discos labiais, atraíam viajantes de todo o mundo. As pessoas visitavam a Etiópia para vivenciar a diversidade e riqueza das culturas e visitar os inúmeros locais históricos. É óbvio que a nossa chegada foi vista como mais um

---

<sup>8</sup> Huroy é um jogo de mancala jogado pelo povo mursi. Mancala é uma família de jogos de tabuleiro jogados ao redor do mundo, que envolve cálculos matemáticos e consiste em contar e capturar as peças do adversário.

grupo de turistas à procura de fotografias para entreter os seus amigos. Só depois de terminarem o jogo é que os homens se juntaram às mulheres, observando-nos de perto.

Pelo preço certo eles deixavam-se fotografar. As fotografias dos turistas tornaram-se uma fonte de rendimento para a aldeia (corrompendo as suas tradições culturais). Eu paguei alguns birr por uma fotografia de uma mãe mursi e o seu bebé. Se a mulher segurasse o filho nos braços, era cobrado o dobro.

As casas mursi são de construção simples, usando os materiais disponíveis como paus, lama, estrume e palha. Grande parte das mulheres carrega o seu bebé num ombro e uma AK-47 no outro. É pouco comum ver um homem desarmado.

David, sendo um ávido fotógrafo, estava nas suas sete quintas, fotografando em formato digital este povo incrível. Friday foi incumbido de negociar os preços das fotografias, tarefa que aceitou com relutância. David passou-lhe uma bolsa com birr e começou a fotografar de um lado para o outro.

Um dos seus truques era usar o modo de disparo contínuo, que assegurava os momentos mais espontâneos. Friday negociou com uma mulher que segurava o seu bebé num braço e a arma no outro e David tirou a fotografia, usando o modo de disparo contínuo. No



entanto, quando Friday lhe estendeu o braço para pagar o acordado, esta abanou a cabeça com um olhar desafiador, deixando claro que não era suficiente. Ela apontou para o bebê, esclarecendo que o preço tinha duplicado porque ele a fotografou com este ao colo, sendo então duas pessoas em vez de uma. Friday não teve opção se não pagar o valor duplicado. Mesmo assim, ela voltou a abanar a cabeça em sinal de desgosto. Olhou Friday nos olhos e batendo a língua nos dentes imitou o som do obturador da máquina fotográfica em disparo contínuo - tet-tet-tet-tet-tet. Claramente, tinha reparado na quantidade de vezes que a cortina da máquina abria. Aliás, tinha contado o número de fotografias tiradas por David e queria o pagamento devido por cada uma delas, a multiplicar por dois - não esqueçamos o bebê.

Friday estava a ficar sem dinheiro. Felizmente, tínhamos trazido lâminas de barbear em quantidade abundante, algo que as mulheres mursi cobijavam freneticamente pela dificuldade em obtê-las. As lâminas serviam para rapar a cabeça, de acordo com os costumes da tribo. Friday começou, então, a distribuir lâminas às mulheres e estas, de tão entusiasmadas, cercaram-no de braços estendidos. No entanto, Friday não conseguia acompanhar a velocidade do fotógrafo David. Este carregava no botão bem mais rápido do que era necessário para negociar o preço e fazer os pagamentos. Friday estava já sem dinheiro e as lâminas também estavam a acabar. Mas David, alheio à situação, continuava à procura da fotografia perfeita. Friday começou a ser empurrado e pressionado pela multidão de mulheres que o rodeava.

Eu parei por um momento, e reparei que o comportamento das pessoas tinha mudado. Começaram a ficar frustradas porque as suas exigências não estavam a ser cumpridas. A conversa deixou de

ser amigável. Senti que uma tragédia estava prestes a acontecer se não saíssemos dali rapidamente.

“Entrem no carro”, gritei. “Entrem no carro, já!” Parece que todos ficaram petrificados, excepto David, que continuava a fotografar e Friday, que continuava a ser empurrado. A situação estava descontrolada e nós tínhamos de agir rapidamente. Voltei a mandá-los entrar no carro. Quase todos ouviram, mas Friday continuava a não se conseguir libertar da multidão desenfreada.

Nesse momento percebi que tinha de me sentar ao volante e pôr o carro em andamento. Talvez isso os motivasse a correr para o veículo. Assim que me sentei, reparei que Terry já estava no banco de trás. O seu semblante mostrava o que estava prestes a acontecer.

Liguei o motor e acelerei para avisar Friday que estávamos de partida, mas ele continuava preso no meio da multidão, já bastante agressiva. Por esta altura, já estávamos todos no carro excepto ele. Eu nunca o teria deixado sozinho na aldeia, mas tinha de lhe dar essa impressão para que sentisse a urgência em chegar ao carro, ou arriscava-se a enfrentar a aldeia sozinho. Começámos a afastar-nos dele, sempre a observá-lo no retrovisor para não corrermos riscos. E funcionou! Friday correu em direcção ao carro gritando: “Howie, não me deixes! Eles vão matar-me.” Deixando-os para trás, conseguiu finalmente entrar no carro em andamento. Uau!

Livrámo-nos da tragédia iminente por um fio. Estávamos novamente em segurança, a caminho de casa. Estaríamos de regresso a Adis Abeba em três dias. A pouco e pouco, os suspiros de alívio foram substituídos por gargalhadas. Escapámo-nos por pouco de uma situação muito séria, mas a tensão quebrou-se ao recontarmos a história com um toque de comédia. A conversa despreocupada enchia o veículo, até que caiu o silêncio.

Não sei o que estariam os outros a pensar, mas eu estava profundamente desanimado com a oportunidade desperdiçada. Senti-me envergonhado. Na tentativa de encontrar uma porta para chegar aos mursi tínhamos estragado tudo. O que é que fomos fazer? Em vez de criar laços e desenvolver um relacionamento com os aldeões, tornámo-nos como uma pedra no seu sapato. A minha esperança de alcançar este povo diminuiu consideravelmente, mas o ardor por eles não deixava o meu coração. Desafiei Gelaye a desenvolver uma estratégia para evangelizar as 18 mil pessoas que, na prática, permaneciam um grupo não alcançado. E continuei a orar e a encorajar os nossos parceiros a juntarem-se a mim, pedindo a Deus que encontrasse uma forma de chegar aos corações do povo mursi.

Aquando do seu regresso a Roanoke, David encontrou-se com Glen para reportar a sua mais recente viagem à Etiópia. Conversaram primeiramente sobre o progresso das várias construções em curso, a principal razão da sua viagem. Mas David também lhe contou sobre a viagem à aldeia mursi, ao qual Glen prestou muita atenção. “Quando o David me mostrou as fotografias que tinha tirado”, escreveu-me num e-mail, “fui dominado pelo entusiasmo e expectativa de que estas pessoas encontrariam Jesus brevemente. Chorei e orei, pedindo ao Senhor que o permitisse sem demora.”

## *Passando à acção*

- Provavelmente já vivenciou algo semelhante ao que me aconteceu à saída de Hilao - tentou fazer algo bom, para Deus, mas acabou por estragar tudo. Como é que se sentiu depois e que acção tomou como resultado? Tomou a decisão correcta? Foi a sua reacção adequada?
- Qual a importância do ardor que Deus coloca no seu coração, quando a esperança é destruída pelo fracasso? Como pode o saber a vontade de Deus para a sua vida guiá-lo em tempos de adversidade?





# CAPÍTULO 6

*O longo caminho para os mursi - Abril/Maio de 2005*

Cinco meses depois, Glen visitou a Etiópia. Convidei-o para uma digressão pelas zonas onde as equipas do filme JESUS por ele patrocinadas estavam a trabalhar. Glen já tinha visitado a Etiópia em duas outras ocasiões, 0 sempre na expectativa de poder conhecer a zona de Omo do Sul, onde vivia o povo que Deus tinha colocado tão intensamente no seu coração. Em ambas, regressou a casa desiludido; as viagens foram interrompidas por inundações súbitas.

Há cinco anos que orava por esta oportunidade e pela salvação dos milhares de pessoas pertencentes a este povo. A digressão levar-nos-ia por muitos quilómetros, visitando os mais variados grupos tribais; no seu pensamento estavam principalmente os mursi. Nesta altura, ainda não sabia sobre o seu interesse pelo povo mursi.

Quando demos início à viagem, não fazia ideia de que o seu coração ansiava pelo décimo dia da digressão. Nesse dia, viajaríamos para Hilao, a mesma aldeia de onde mal havíamos escapado cinco meses antes. Não me entendam mal - o Glen estava interessado em todas as tribos e em todos os povos. Ele ansiava que todos chegassem ao Senhor Jesus. Mas o povo mursi estava no seu



pensamento e orações há já cinco anos. Ele ainda acreditava que um dia viriam a conhecer Jesus como seu Senhor e Salvador. E eu não tinha ideia de que Deus tinha trabalhado no seu coração desta forma.

Durante duas longas semanas, viajámos em estradas poeirentas e estragadas. Visitámos algumas das áreas mais remotas do mundo. Mas também cidades antigas, cheias de história e locais religiosos - alguns cristãos, outros islâmicos e ainda alguns dedicados às religiões tradicionais africanas. Todas as noites exibíamos o filme JESUS numa língua diferente a pessoas de diferentes culturas.

Glen partilha uma recordação desta viagem:

- Uau! Foi uma viagem extenuante e ao mesmo tempo gratificante. Cheia de pneus furados! Uma longa e dura viagem por toda a Etiópia; cada paragem viu o seu próprio milagre do Senhor. Vimos tantas pessoas entregarem a sua vida a Jesus - dezenas de milhares! Encontrámo-nos com igrejas “clandestinas”. Treinámos pessoas em discipulado. As multidões variaram entre as 138 e as dez mil pessoas.
- Lembro-me de Yohannes (líder do filme JESUS) ter mostrado o filme aos funcionários de um hotel em que pernoitámos, num leitor de DVD portátil. Lembro-me de nos atirarem pedras enquanto exibíamos o filme em Bahir Dar. Lembro-me de termos mostrado o filme a mais de dez mil pessoas num campo de futebol em Chano Mille. Nessa noite, tivemos de separar várias brigas, durante a preparação para o filme, mas assim que este começou os distúrbios pararam e toda a atenção se voltou para Jesus.

- Lembro-me de conduzíres por vários rios e furos de água, durante a nossa viagem ao Sul. Repito várias vezes aquilo que dizias sempre que estávamos prestes a atravessar a água... “Senhor, entregamo-nos nas tuas mãos.”
- A certo ponto, reorganizámos o nosso programa, viajando para Norte, para visitar o campo de refugiados da Eritreia. (Lembraste da quantidade de tanques de guerra ardididos?) Penso que conduzimos cerca de 12 horas de onde estávamos e mostrámos o filme nessa mesma noite. Contudo, tivemos de os deixar imediatamente a seguir à exibição do filme, porque a guerra estava prestes a irromper. Assim que começasse, eles seriam considerados espíões (tão triste). Lá, deixámos um evangelista clandestino chamado Kifloom.
- Uau, que viagem! Deus ajudou-nos sempre no tempo certo.

“Da Cidade do Cabo ao Cairo” foi o nome que demos à nossa excursão. Parecia que tínhamos mesmo percorrido o continente de uma ponta à outra, naquelas duas semanas. No entanto, ainda não tínhamos chegado à zona onde habitava o povo mursi. Estávamos em Jinka, a meio dia de viagem de Hilao.

Tínhamos mostrado o filme JESUS na noite anterior em Chano Mille, a meio dia de viagem para Este de Jinka. Milhares de pessoas da tribo Gamo juntaram-se para ver o filme na sua própria língua e uma multidão chegou-se à frente, quando convidados a aceitar o Senhor Jesus. Tínhamos uma Igreja do Nazareno forte naquela cidade, com membros treinados para dar seguimento aos novos convertidos.

Na manhã seguinte estávamos sentados num café em Jinka, desfrutando de uma chávena de *buna*, a palavra em amárico<sup>9</sup> etíope para café. (A propósito, considero o café etíope o melhor café do mundo, especialmente quando é preparado à moda etíope.) Estávamos sentados a beber *buna* e a recordar os frutos da noite anterior, quando finalmente aconteceu. O Glen contou-nos a história de como tinha passado uma tarde a pesquisar sobre o povo mursi na biblioteca municipal de Roanoke, cinco anos antes, e de como tinha orado por eles diariamente desde então. Lágrimas correram pelo seu rosto quando partilhou o constrangimento que sentia em seu coração, de alcançar os mursi para Jesus.

---

<sup>9</sup> Amárico é a língua oficial da Etiópia. Há 88 línguas distintas na Etiópia, de acordo com o catálogo Ethnologue: Languages of the World, uma obra extensiva de referência, que compila todas as línguas vivas do mundo.

## *Passando à acção*

- Que reacção pensa que tive, quando Glen me disse que orava pelos mursi há cinco anos, em resposta ao ardor que Deus lhe dera por estas pessoas? Quão importante é para si ter um parceiro no ministério, para o encorajar nos tempos difíceis?
- Por uma variedade de razões, tanto eu como o Glen tivemos de esperar até que pudéssemos, de facto, chegar ao povo mursi. Como é que, pacientemente, espera em Deus, para cumprir a sua visão para o ministério? Que acções toma para cumprir a vontade de Deus sem desistir no meio da adversidade?
- Ora há muito tempo por um amigo ou parente perdido? Não desista. A resposta pode estar mesmo ao virar da esquina.





# CAPÍTULO 7

*A porta aberta - 1 de Maio de 2005*

Enquanto Glen nos falava da sua paixão espiritual pelos mursi, sabia que tínhamos de nos dirigir para Sudoeste. Ao mesmo tempo, sabia que ainda não tínhamos conseguido desenvolver um relacionamento com a tribo. Na verdade, podiam ainda estar de pé-atrás connosco por causa da última visita cinco meses antes.

Tínhamos o filme JESUS connosco, mas como é que encontraríamos a melhor oportunidade de lhos mostrar? E se tivéssemos, de facto, oportunidade, como é que entenderiam as Boas Novas do Evangelho, quando não tinham qualquer conceito de um único Deus, criador de todas as coisas? Como é que compreenderiam que Deus enviou o seu filho para morrer em seu lugar, se não sabiam sequer da existência do Deus pai? Depois havia também o problema da língua; ninguém no nosso grupo falava o dialecto dos mursi. Como é que comunicaríamos? O filme JESUS ainda não tinha sido traduzido para o dialecto mursi. Estas foram apenas algumas preocupações que se nos apresentaram enquanto considerávamos a possibilidade de partilhar o Evangelho com eles naquela noite.

Fitei Gelaye do outro lado da mesa e perguntei-lhe se já tinha desenvolvido uma estratégia para alcançar os mursi. Gelaye respondeu e um novo rasgo de esperança emergiu.

Um jovem chamado Zenabu, vindo de Hilao para estudar em Jinka, tinha concluído 5º ano do ensino básico. Tanto quanto sabíamos, Zenabu era a pessoa mais instruída de toda a tribo. Por isso mesmo, foi nomeado chefe de segurança, responsável pela milícia. Além disso, Zenabu já tinha entregue a sua vida a Cristo. Mais tarde, interroguei-me se Zenabu seria o jovem que conheceu Cristo através da obra dos missionários SIM.

Estava convencido de que a nossa primeira visita a Hilao não tinha resultado em nada que nos ajudasse a alcançar a tribo. Não me apercebi, no entanto, que um membro da tribo tinha prestado especial atenção às nossas figuras. Sim, era Zenabu.

Mais tarde, Zenabu procurou Adamo, o líder da zona de Omo do Sul, e perguntou-lhe quem eram os homens brancos que o acompanharam na viagem a Hilao. Adamo explicou-lhe que éramos missionários da Igreja do Nazareno. Zenabu contou-lhe, então, que tinha aceite Cristo como seu Senhor e Salvador, mas que tinha escorregado na fé e afastado-se de Deus. Adamo e Zenabu tornaram-se amigos íntimos. Zenabu retomou a fé cristã, interessou-se pela doutrina da santidade e juntou-se à igreja.

Enquanto Gelaye nos contava a história de Zenabu pensei: “Uau! O plano está a formar-se.” Tinha certeza que Gelaye ia dizer que o ponto central da sua estratégia era Zenabu, aquele que abriria a porta para alcançar este povo perdido. Ele seria a chave.

Mas Gelaye anunciou que Zenabu não estava em Jinka naquele dia. Tinha viajado para outra parte da Etiópia, onde ficaria durante algum tempo. Ainda assim, confirmou o que eu já sabia - que

precisaríamos de Zenabu se quiséssemos ter outra oportunidade de visitar os mursi e de lhes mostrar o filme JESUS.

Estávamos sentados a matutar, desiludidos por mais uma oportunidade que se escapava por entre os dedos, quando Gelaye deu um salto e gritou: “Ei-lo!”. Típico de Deus, fazê-lo passar casualmente por nós quando mais precisávamos dele. Zenabu tinha acabado de regressar a Jinka e estava disponível para o que tínhamos em mente. Dentro de pouco tempo estaríamos a caminho, entusiasmados com a possibilidade de partilhar Jesus com os mursi.

Depois de horas a viajar no mato, chegámos ao nosso destino. Tínhamos um tradutor, porque Zenabu falava connosco em amárico e com a tribo em mursi. Mais uma vez, o Espírito Santo quebrou a barreira da língua - desta vez através da interpretação por alguém cheio do Espírito Santo.

Os aldeões cumprimentaram-nos calorosamente. Verificou-se que qualquer amigo de Zenabu, também era amigo deles. Zenabu afastou-se de nós, deixando-nos sozinhos com os aldeões. Durante uns momentos, fomos obrigados a gesticular para comunicar com eles. Olhando-os nos olhos, tentámos imaginar como responderiam à visualização do filme JESUS nessa noite. Qual seria o resultado desta oportunidade que estava finalmente ao nosso alcance? Estávamos esperançosos.

Zenabu afastara-se para falar com o chefe da aldeia. Ele tinha de justificar a nossa visita e receber aprovação para o nosso plano. Quando regressou, explicou-nos a estratégia que usara. Os mursi eram um povo à parte do resto do mundo; não tinham qualquer conhecimento das invenções dos tempos modernos. Aliás, tinham recentemente descoberto uma “nova” invenção... a televisão. Eles não entendiam as novas tecnologias - não tinham



termo de comparação na sua cultura. Era um total mistério. Zenabu aproveitou-se disto para convencer o chefe a mostrar o filme. Disse-lhe que trazíamos uma “televisão” e que queríamos mostrar aos aldeões como funciona. Explicou-lhe que, naquela noite, aprenderiam muito sobre o Deus que os criou e instruiu-o a juntar todos os aldeões ao pôr do sol para verem por si próprios a “televisão”.

## *Passando à acção*

- Se já procurou uma porta aberta para partilhar Jesus com alguém próximo, como pediu a Deus que providenciasse essa abertura? Se está à procura da estratégia certa para alcançar alguém particularmente difícil, como deve orar?
- É curioso que a nossa porta para chegar aos mursi foi um homem, também ele mursi, chamado Zenabu; mais curioso é a forma como estabelecemos contacto com ele, numa viagem absolutamente desastrosa. Pensávamos que aquela viagem tinha sido um desperdício completo. Aliás, pensámos que o nosso relacionamento com os mursi se tinha deteriorado por causa daquela viagem. Mas no fim, foi assim que Deus abriu a porta. Que fracassos aparentes na sua vida pode Deus usar para levar alguém a Jesus?
- Pense nas experiências e interesses que você e a pessoa por quem tem orado partilham. Peça a Deus que o instrua na melhor maneira de contar a sua história a essa pessoa. Algo simples como uma televisão, tornou-se numa grande oportunidade de partilhar o Evangelho. Há algo que interesse à pessoa por quem tem orado, que possa facilitar uma oportunidade de partilhar o Evangelho com ela?





# CAPÍTULO 8

*Guerra Espiritual - 2 de Maio de 2005*

Enquanto montávamos o equipamento para a exibição do filme, sentíamos o entusiasmo a espalhar-se por toda a aldeia. Corria a notícia de que Zenabu e os seus estranhos companheiros traziam consigo uma televisão. Esta seria a primeira vez que os habitantes de Hilao veriam uma. A curiosidade era tanta que havia quem nos observasse atentamente, mesmo antes do anoitecer.

O sol pôs-se no horizonte. Em breve estaria escuro o suficiente para mostrar o filme. Mas antes de sermos invadidos pela escuridão, era importante ligar e testar o equipamento, assegurando que tudo funcionaria correctamente. Quando Yohannes fez o primeiro teste, as pessoas começaram a juntar-se à nossa volta. Yohannes, o coordenador de campo do filme JESUS, viajava comigo e com Glen há já duas semanas. O jovem etíope era apaixonado pelas pessoas e estava sempre à procura de uma oportunidade para partilhar Jesus.

Dois dias antes, pernoitámos no Hotel Bekele Mola. Enquanto eu e o Glen dormíamos, já noite dentro, Yohannes resolveu mostrar o filme aos funcionários do hotel. Ele traz sempre consigo um leitor de DVD portátil, que usa para mostrar o filme a quem lhe der

oportunidade. Naquela noite, no restaurante do hotel, alguns funcionários entregaram a sua vida a Jesus. Ele contou-nos tudo na viagem de Arba Minch para Jinka.

Via a agitação no rosto de Yohannes. Quando lhe perguntei o que se passava, ele olhou para mim e disse: “Howie, este equipamento é o mesmo que usámos na noite passada. Ontem funcionou, mas agora não está a querer funcionar.” Este tipo de situações era frequente. Ou falhava o gerador; ou o leitor de DVD; ou o projector de vídeo; às vezes até o som saía distorcido. O equipamento que funcionara perfeitamente numa noite, recusava-se a cooperar na seguinte. Felizmente, tínhamos um conjunto extra no meu carro. Yohannes rapidamente substituiu um pelo outro, mas, ainda assim, não conseguíamos ligar os aparelhos.

Yohannes estava convencido de que o problema eram os geradores. Parecia que nenhum estava a fornecer energia. Pelo menos, constatou ele, não passava electricidade pela extensão que o ligava ao nosso equipamento de ponta. No entanto, ao verificar a saída no gerador, onde a extensão estava ligada, a corrente eléctrica estava no máximo. A extensão estava em perfeitas condições, mas não estava a conduzir electricidade. Nem a extensão suplente funcionava.

Yohannes, finalmente, levantou-se, olhou para mim solenemente, de uma forma que nunca esquecerei, e sussurrou: “Howie, este problema não é natural. É sobrenatural. O inimigo está a causar problemas ao nosso equipamento.” Era sempre um grande desafio usar tecnologia avançada numa nação em desenvolvimento porque o equipamento precisava de cuidado especial num ambiente tão rudimentar. No entanto, neste caso, parecia ser satanás que nos tentava impedir de chegar aos mursi com o Evangelho de Jesus.

Guerra espiritual é algo esperado nas linhas da frente do ministério. Satanás fará tudo ao seu alcance para impedir que alguém oiça as Boas Novas. O ministério no Corno de África estava envolvido em orações vindas de todo o mundo. Sabíamos que o fracasso era real, a menos que Deus estivesse envolvido no processo. E, neste caso, não era apenas uma pessoa ou mesmo um pequeno grupo de pessoas, mas toda uma tribo que era, para todos os efeitos, não alcançada. Era óbvio que satanás faria tudo em seu poder para impedir que o filme fosse mostrado.

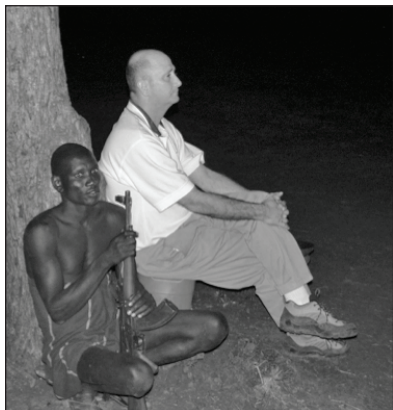
Yohannes e eu colocámos as nossas mãos sobre o equipamento e clamámos ao Senhor. Dissemos-lhe que reconhecíamos o povo mursi como Sua criação e que também por eles Jesus tinha sacrificado a Sua vida. Pedimos a Jesus que afugentasse o inimigo para fora da aldeia e que fizesse com que o nosso equipamento funcionasse novamente.

Dissemos “amém” e voltámos a ligar o gerador. Desta vez tudo funcionou à primeira. Que alívio! O que fariam os habitantes da aldeia se falhássemos na promessa de lhes mostrar uma televisão, naquela noite, só Deus sabe. Mas mais importante, tínhamos prometido que conheceriam o Deus que os criou. Estas pessoas conheceriam Jesus naquela mesma noite.

Ao cair da noite, reparámos nas nuvens ameaçadoras que se formavam sobre a aldeia. A chuva era rara numa zona tão árida, mas as nuvens escuras ameaçavam soltar a sua fúria sobre nós, enquanto nos debatíamos com os problemas técnicos. Porém, quando tudo voltou a funcionar, depois da nossa oração, sabíamos que nada nos impediria de proclamar o nome de Jesus a este maravilhoso povo. As nuvens ameaçavam, mas Jesus estava no controlo e a chuva não veio.

No momento em que o equipamento começou a trabalhar, já toda a aldeia se reunira em frente ao grande ecrã. Era uma aldeia pequena, mas todos os seus 150 habitantes estavam presentes. Sentaram-se no chão, pacientemente à espera que a televisão “fizesse qualquer coisa”. Eles não sabiam o que esperar, mas o que quer que fosse, estavam prontos.

As mulheres já tinham removido os seus ornamentos. Com os seus discos labiais guardados em casa, os seus lábios inferiores estavam pendurados abaixo do queixo. Pareciam desconfortáveis com esse facto, uma vez que ainda tinham visitantes na aldeia, mas queriam relaxar e aproveitar o que aquela noite lhes traria.



O guarda-costas de Glen perto de mim debaixo de uma árvore com uma AK-47 pronta a ser usada.

Tanto os homens como as mulheres vestiam pouca roupa; a maioria ainda carregava as suas armas automáticas. Perguntei-me se achavam que precisariam das armas para se defenderem de nós, de animais selvagens ou da tribo vizinha.

Ri-me para mim mesmo quando vi onde Glen estava sentado para a exibição do filme. Tinha atraído um amigo que estava decidido a protegê-lo durante a noite. Ele disse-lhe, segundo o tradutor, que estava ali para o proteger de (nas suas próprias palavras) “leões, hienas e da tribo Hamar<sup>10</sup>”.

<sup>10</sup> Os hamar são um povo vizinho que ocasionalmente ataca o gado mursi. Os ataques frequentemente resultam na morte guerreiros de ambas as tribos.

Tudo estava finalmente pronto. Yohannes estava prestes a começar a exibição, quando o Senhor falou comigo. A mensagem foi clara: “Não mostres ainda o filme JESUS. Mostra primeiro o vídeo introdutório ao Velho Testamento.” Eu trazia sempre comigo um curto vídeo, que usávamos com povos de determinadas religiões, e que era uma representação dramática das histórias do Velho Testamento. Como mencionei antes, preocupava-me que o povo mursi não entendesse a mensagem do filme JESUS por desconhecer a história do Deus criador. Soube imediatamente por que Deus me levou a mostrar o vídeo do Velho Testamento primeiro. Fui rapidamente buscar o vídeo ao carro e entreguei-o a Yohannes. Este trocou os DVDs e o grande ecrã em frente aos mursi, ganhou vida.



## *Passando à acção*

- Que obstáculos tem satanáis colocado no seu caminho de levar um ente querido a Cristo? Quão importante é a oração eficaz e fervorosa para ter vitória sobre o inimigo nestes assuntos? Qual é a sua oração enquanto tenta alcançar aqueles que ainda não experimentaram a graça de Deus?
- Quando estávamos prestes a começar a exibição do filme, Deus falou comigo, instruindo-me numa abordagem alternativa na apresentação do Evangelho. O vídeo de introdução ao Velho Testamento tornou-se uma ferramenta importante em comunicar a verdade de Deus aos mursi. Como é que reage quando sente que Deus o está a mandar fazer algo diferente do que tinha planeado? Quais foram os resultados da sua obediência ou desobediência?



# CAPÍTULO 9

*Vitória - No mesmo dia*

Eles sentaram-se com os olhos colados ao ecrã. Ninguém se mexeu. Não se ouvia um som, excepto o do filme. Eles nunca tinham visto nada assim. Não conseguia decifrar se estavam colados ao ecrã por causa da história ou porque era a primeira vez que viam uma televisão.

A história do Velho Testamento desenrolava-se à sua frente. Testemunharam a criação da terra, a formação de Adão a partir de pó e a criação de Eva a partir da costela de Adão. Estavam fascinados com a vida de Adão e Eva no jardim. Maravilhados com a textura verdejante e com a fruta suspensa nas árvores ao alcance de um braço. Prestaram muita atenção à representação da rebeldia do primeiro homem. Os aldeões gemeram quando Adão foi expulso do jardim e se viu separado de Deus. Pareciam entender o seu desespero, sentado no deserto, longe da presença de Deus.

Na parte em que Caim mata Abel, perguntei-me se se identificavam com a situação, uma vez que era comum nas guerras tribais da região isolada em que viviam. À medida que a história avançava, desde a criação até à rebelião do Homem, até que Deus

separou o seu povo, interrogava-me se estariam realmente a entender o que viam. Esperava que sim, que entendessem pelo menos qualquer coisa.

Chegada a conclusão do primeiro vídeo, o profeta Isaías proclamou a vinda do Messias para livrar a humanidade do pecado. O filme terminou com as seguintes palavras: “Um salvador virá. O Seu nome é Jesus.”

Yohannes estava a postos para trocar os DVDs, substituindo o vídeo de introdução ao Velho Testamento pelo filme JESUS. Fê-lo com tal conveniência que quase não houve pausa entre um e o outro. Isso foi importante. Não queríamos perdê-los. Era importantíssimo neste momento que conhecessem toda a história. Permaneceram sentados, imóveis perante o grande ecrã, enquanto a história do Evangelho de Lucas se desenrolava. Zenabu ia traduzindo o filme de amárico para mursi com fervor. Os aldeões



pareciam estar de tal forma envolvidos com a história que era como se fizessem parte dela.

De repente, sem qualquer aviso, o chefe pôs-se de pé. Avançou por entre a multidão até chegar a Zenabu que segurava o microfone. Vi-o agarrá-lo. Estava espantado que tivesse entendido que aquele objecto projectava a sua voz. Mas mais do que isso, estava receoso porque parecia que o chefe estava zangado connosco. Ele saltava para cima e para baixo enquanto vociferava a sua mensagem pelas colunas de som. Tinha claramente algo a dizer, mas eu não sabia do que se tratava. Sabia, apenas, que tínhamos de estar preparados para fugir caso a situação desse para o torto. Pela segunda vez, fui confrontado com a urgência de fugir de uma situação desastrosa em Hilao.

Passaram alguns minutos até que houvesse tradução do seu discurso. Zenabu traduzia de mursi para amárico e Yohannes, de amárico para inglês. Estava atónito. O chefe não estava, de todo, zangado. Ele dirigia-se a nós, ferozmente, com o microfone enterado na mão:

Agora sabemos que há um Deus. Agora vemos que Ele nos criou. Antes não sabíamos estas coisas. Vemos que havia muita fruta no jardim (referindo-se ao Éden). Nós plantamos muita semente, mas colhemos pouca fruta. Somos como Adão, expulso do jardim. Vivemos como animais. Andamos nus diante uns dos outros. Vivemos em pecado; estamos separados de Deus. Mas agora é tarde. As nossas vacas estão no campo. Devemos ir buscá-las e trazê-las para a protecção das nossas casas. Não precisamos de ver o resto do filme. Digam-nos: O que é preciso fazer?

“O que é preciso fazer?” Estariam eles a perguntar o que tinham de fazer para serem salvos? Teria Deus penetrado os corações e mentes destas pessoas? Um vislumbre de esperança. No entanto, o filme mal tinha começado. Estas pessoas não tinham visto quase nada da história de Jesus. Por exemplo, não O tinham visto ensinar às multidões. Não tinham testemunhado o poder milagroso do Seu ministério. As várias histórias de cura ainda não tinham sido mostradas. Mas mais importante que tudo, ainda não tinham ouvido falar do sacrifício de Jesus na cruz pelo perdão dos seus pecados. Ainda não sabiam da ressurreição. O que quer que o seu apelo significasse, era óbvio que ainda não entendiam o Evangelho completamente.

Yohannes também percebeu isso. Fez o microfone chegar novamente a Zenabu e apelou ao chefe e ao seu povo: “Por favor não se vão embora. As vossas vacas estão seguras. Dêem-nos mais uns minutos.” Enquanto pedia mais tempo, ligou novamente o filme. Desta vez, avançou rapidamente até à cena da crucificação. Fez pausa na imagem de Jesus na cruz e começou a pregar:

Sim. Vocês são como Adão. Vocês pecaram; e por causa dos vossos pecados estão separados de Deus. A separação de Deus é a sentença pelo vosso pecado. Vocês estão mortos espiritualmente. Mas Deus enviou o Seu filho Jesus ao mundo para morrer por vocês. Ele morreu para vos livrar do pecado. Se acreditarem que Jesus morreu no vosso lugar, serão perdoados de todo o pecado. Serão Seus filhos e viverão com Ele para toda a eternidade.

Yohannes instruiu-os a aguardar um pouco mais. Voltou a avançar no filme, pausando na cena da ressurreição. Eles fitaram o sepulcro vazio, e Yohannes continuou: “Jesus morreu por vocês; mas três dias depois, ressuscitou dos mortos, demonstrando o seu

poder sobre a morte. A morte não tem poder sobre Ele.” Yohannes continuou citando Romanos 10:9 (ARC): “Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo.”

O pregador etíope parou. O silêncio reinou por um momento, e ele perguntou aos seus ouvintes o que tencionavam fazer com Jesus. Acreditariam que Ele morreu para os livrar do pecado? Acreditariam que Ele ressuscitou dos mortos? Num tom moderado, Yohannes exortou-os a chegarem-se à frente se realmente acreditavam nestas coisas e desejavam entregar as suas vidas a Jesus.

Um por um, eles vieram. Primeiro, o chefe da aldeia. Depois seguiram-se os anciãos. Estes líderes cheios de orgulho, que não temiam leões ou guerreiros de outras tribos, apresentaram-se humildemente diante do seu povo para se entregarem a Jesus.



Yohannes conduziu-os na oração do pecador e encorajou-os a entregarem tudo nas mãos de Deus. Alguns ergueram as suas armas em sinal de entrega total. Um ancião, sem arma, ergueu o banco de madeira em que esteve sentado toda a noite. Foi a sua forma de declarar a sua entrega ao Senhor.

No dia 2 de Maio de 2005, 19 líderes de uma aldeia mursi entregaram os seus corações a Jesus - seis anos depois da nossa primeira visita. Naquele dia, um povo não alcançado, da longa lista de povos de todo o mundo que nunca ouviram falar de Jesus Cristo, foi retirado.

## *Passando à acção*

- Confesso que fiquei surpreendido quando os mursi receberam o Evangelho com tanta alegria. Por que é que reagimos assim quando Deus alcança pessoas difíceis? Como é que esta história afecta os seus planos e orações para alcançar alguém de quem já desistiu?
- Se pensarmos que o Evangelho é poderoso o suficiente para salvar aqueles por quem oramos, que efeito tem isso na forma como lhes apresentamos o Evangelho? Que métodos ou terminologia entenderão melhor?







# CAPÍTULO 10

*O rescaldo – Nos dias seguintes*

Deixámos Hilao tarde, naquela noite. Duas semanas na estrada já se faziam sentir. Estávamos exaustos de dias de viagem consecutivos; noite após noite a dormir em camas diferentes e quilómetro após quilómetro em estradas extremamente difíceis. Emocionalmente, estávamos completamente extenuados.

Ver, no entanto, aqueles 19 homens entregarem a sua vida ao único Deus foi uma experiência incrível. Chegámos à aldeia sabendo que Deus tinha o poder para transformar aquelas vidas, mas, ao mesmo tempo, não esperávamos ver um grupo não alcançado entregar-se a Jesus em apenas uma noite.

No caminho de regresso a Jinka, a escuridão da noite lembrou-nos da escuridão espiritual de que aquelas pessoas tinham sido libertadas (a escuridão de onde todos nós partimos). Os mursi eram um povo sem esperança, vivendo na ignorância, sem conhecerem o seu criador. Temiam os espíritos dos seus antepassados. Não tinham qualquer expectativa de vida depois da morte.

Agora, a luz tinha perfurado a escuridão da sua existência sombria. Encheram-se de alegria no hoje e esperança para o amanhã.

Tudo tinha mudado para os mursi; Deus deu-nos o privilégio de sermos Seus enviados num lugar longínquo, para um povo a quem Ele ama fervorosamente.

Sim, estávamos extenuados. Porém, não podíamos deixar de nos regozijar, à medida que o bater dos pneus na estrada acidentada contava os quilómetros de regresso ao hotel em Jinka. Há já cinco anos que eu e o Glen orávamos por este povo. E agora Deus usara-nos para fazer a diferença nas suas vidas.

Glen estava fora de si de contente. Mais tarde, escreveu:

Devo admitir que, depois de todos estes anos de oração e expectativa, estava receoso de lhes levar o filme; várias vezes me questionei se, de facto, o entenderiam. Sabíamos que Deus tinha o poder de ultrapassar os desafios. [E] sabíamos que apenas Ele o poderia fazer.

Em relação ao aldeão que assumiu como sua a missão de proteger Glen, este escreveu: “Foi um gozo particularmente especial caminhar com este homem quando se entregou a Jesus - glória a Deus.” Foi uma grande conquista para o reino, mas sabíamos que o trabalho tinha apenas começado. Os 19 homens que aceitaram Jesus naquela noite eram bebés na fé. Deixámos Zenabu para trás, para que ele pudesse começar o trabalho de discipulado em Hilao.

A Igreja do Nazareno mais próxima estava a meio dia de viagem em veículo motorizado, ao qual eles não tinham acesso. Os novos convertidos tinham iniciado a sua caminhada com Jesus, mas a sua jornada exigiria uma boa dose de orientação espiritual da Igreja do Nazareno de Omo do Sul. Muitas viagens, longas e perigosas, teriam de ser feitas para acompanhar estes novos convertidos.

Todos os mursi que se chegaram à frente, naquela noite, eram homens, os líderes da aldeia. Era assim que funcionava na cultura mursi. Não era permitido que mulheres ou crianças avançassem e tomassem tamanha decisão sem autorização dos seus líderes. No entanto, uma vez que os líderes deram o passo de se submeterem a Deus, as mulheres e as crianças seguir-se-iam. Há quem, noutras culturas, não entenda esta prática, mas Deus alcança cada um da forma que lhe é familiar.

Os tempos que se seguiram foram desafiantes. Nazarenos etíopes, que nunca considerariam a possibilidade de beber sangue, tinham, agora, amigos que regularmente o bebiam misturado com leite. Rejeitar a bebida era tão mau quanto rejeitar a pessoa que a oferecia. Esta foi uma entre as muitas questões levantadas durante o estudo bíblico. As mulheres mais jovens questionaram a tradição dos discos labiais. Os mais velhos, especialmente os homens, ficaram ofendidos porque a nova geração parecia querer desafiar os hábitos e costumes já tão enraizados na sua cultura. Para eles era inconcebível: “Como podem elas abandonar as tradições do povo mursi passadas de geração em geração?” Nunca se tinha vivido um tempo em que as mulheres não andassem adequadamente ornamentadas com os seus discos. Tais são as questões que a igreja enfrenta ao treinar novos crentes nas tribos não alcançadas.

Actualmente, temos uma igreja entre os mursi. Estabeleceu-se uma base, mas o movimento de multiplicação pelo restante povo ainda não começou, em parte por causa da sua localização extremamente remota e do seu estilo de vida nómada. Vimos este grupo ser alcançado pelas orações de um empresário em Roanoke, Virgínia, EUA, pelas orações de um missionário no Corno de África e de uma panóplia de parceiros em todo o mundo que se envolveram

na visão de alcançar os não alcançados. A oração abriu as portas ao Evangelho numa tribo Mursi e apenas a oração nos permitirá multiplicar crentes e igrejas em toda a sua comunidade.

## *Passando à acção*

- Quando o chefe e os líderes da comunidade se converteram, foi estabelecido um começo, mas ainda havia muito a fazer. A comissão de Jesus é fazer discípulos, não apenas convertidos. De que forma tem ajudado a fazer discípulos?
- Que questões considera importantes ao treinar os mursi para serem seguidores de Cristo? Que questões são importantes em fazer discípulos na sua comunidade?





# CAPÍTULO 11

*Um desaio aos leitores*

Creio que ao ler a história do povo mursi pôde ver claramente como podem os cristãos de todo o mundo ajudar a igreja a ter um impacto global. Os irmãos Argabright contribuíram para alcançar os mursi financeira e pessoalmente. Oraram anos a fio para que este povo conhecesse o amor do Pai, o sacrifício de Cristo e o poder e o conforto do Espírito Santo. Também se envolveram em trabalhos missionários junto de outros grupos tribais na Etiópia e em outros países do Corno de África.

O foco deste livro são os mursi, mas outros parceiros do Corno de África participaram no ministério durante todos estes anos<sup>11</sup>. O seu papel poderá ajudá-lo a compreender as várias necessidades da Igreja do Nazareno no terreno. (A lista não é detalhada e pode variar de campo para campo e com o passar dos anos.)

---

<sup>11</sup> Parceiros do campo são homens e mulheres de congregações locais em todo o mundo que se juntaram ao coordenador de estratégia e aos missionários do campo para apoiar o trabalho missionário através de doações e oração.



- Larry Wiest de Encinitas, Califórnia, EUA, ajudou na expansão da igreja ao povo Nuer, na região de Gambella na Etiópia e no Sul do Sudão. Os centros de formação em toda a Etiópia, ajudaram na formação de pastores em vários países do Corno de África. Larry tornou-se um dos formadores de professores certificados num programa de educação alargado, educando pastores em áreas como pregação, ensino, teologia e liderança.
- John Rush e Walt Sharp eram líderes de um grupo de parceiros do Corno de África em Denver, Colorado, EUA. Angariaram fundos para os programas de desenvolvimento de liderança e mantiveram-se em oração constante pelo trabalho missionário no Corno.
- Voluntários ao serviço do corpo de missionários da igreja abdicaram de meses, e em alguns casos de anos, das suas vidas dedicados ao Corno de África.
- Outros voluntários serviram por períodos mais curtos.
- Steve Sharp, um voluntário missionário que serviu sacrificialmente durante anos no Corno, trabalhou com um dos líderes indígenas no desenvolvimento do ministério do filme JESUS. Steve passava semanas no mato, levando o Evangelho às pessoas e treinando líderes em técnicas de evangelismo e discipulado.
- Bob e Janet Miller, do Indiana, EUA, deram anos pelas pessoas do Corno. Bob era o coordenador de campo do ministério de Trabalho e Testemunho.
- Várias igrejas locais fizeram parcerias com o Campo do Corno de África. É incrível como tantos nazarenos nos EUA

contribuíram tão significativamente para o trabalho nos países mais desafiantes do campo.

- Além dos mencionados, há milhares de nazarenos que fielmente ofertaram para o Fundo de Evangelismo Global, que providencia as infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento do trabalho em todo o Corno de África, na Região de África e sim, em todo o mundo.

O que eu estou a tentar dizer é o seguinte: pergunte a Deus como pode ser usado de forma a ter impacto no Seu reino em todo o mundo. Se já está envolvido em missões de alguma forma, pode procurar envolver-se ainda mais na missão de alcançar o mundo. Se é um empresário com o seu próprio negócio, já considerou doar uma percentagem do seu lucro para alcançar outros? O que pode Deus fazer na sua vida, se a dedicar ao Senhor para o bem do Seu reino?

O mais importante é orar. Qualquer um pode orar, não importa a idade, o ordenado ou a competência. Não me refiro às palavras vazias que vêm no fim da oração diária - “É verdade! Senhor, abençoa os missionários e o seu trabalho em todo o mundo”. Refiro-me a carregar um ardor, um peso, um constrangimento, por um grupo de pessoas não alcançado, por vários anos. Estou a pedir-lhe que permita que o seu coração seja quebrantado por pessoas que não conhecem Cristo, de tal forma que clame a Deus por elas. Permita que Deus o use. As suas orações podem fazer a diferença na eternidade de alguém.

No nosso contexto actual, há lugares para onde é difícil enviar missionários. Em muitos países, há governos e culturas que proíbem a proclamação do Evangelho. Nestas situações, as pessoas servem

de formas consideradas não convencionais. O apóstolo Paulo viajou por todo o mundo, fazendo tendas para suprir as suas próprias necessidades. Talvez Deus lhe tenha dado competências que são necessárias noutras partes do mundo e a oportunidade de suprir as suas próprias necessidades enquanto ajuda outros. Ou talvez sinta que Deus o está a chamar para o trabalho missionário numa outra cultura, ou ministério na sua própria comunidade.

Deus continua à procura de pessoas que estejam dispostas a orar, a dar, a partilhar a sua fé com os que estão à sua volta e, às vezes, a alcançar os não alcançados das mais variadas formas. Deus pode estar à espera que partilhe Jesus com um amigo ou, talvez, com o seu vizinho. Apesar de termos de estar conscientes das várias necessidades globalmente, não devemos negligenciar os que estão imediatamente à nossa volta. Há milhões de pessoas que ainda não aceitaram a salvação que lhes é oferecida. Mas Deus abrirá os seus corações se continuarmos a orar, a dar e a partilhar a maravilhosa notícia de que Jesus salva.

E não se esqueça dos mursi. “Rogai, pois, ao Senhor (...) que envie obreiros para a sua seara”<sup>12</sup>, no vale de Omo do Sul, para discipular os crentes da tribo Mursi. Peça a Deus que alargue o campo de colheita já estabelecido, desencadeando a multiplicação de crentes que alcançará todo o povo.

---

<sup>12</sup> Lucas 10:2

## *Passando à acção*

- O Fundo de Evangelismo Global concede aos nazarenos a oportunidade de participar na missão de Deus em todo o mundo. Este incrível ministério afecta todos os outros (directa ou indirectamente) e permite-lhe participar no trabalho a decorrer em todo o mundo.
- Que paixões, recursos ou talentos dados por Deus, podem ser usados para a Sua glória no trabalho missionário, a curto ou a longo prazo?
- Visite o site Joshua Project ([www.joshuaproject.net](http://www.joshuaproject.net)). Joshua Project é uma iniciativa de pesquisa que pretende destacar os grupos de pessoas com o menor número de seguidores de Cristo. No site há páginas dedicadas a grupos de todo o mundo, contendo informação sobre os mesmos, recursos de oração e ideias, usadas por indivíduos e igrejas, para encorajar a oração pelos povos não alcançados. Peça a Deus que lhe dê o desejo de orar pelos grupos não alcançados.
- Ponha a tribo Mursi na sua lista de oração e interceda por eles regularmente.
- Nós somos chamados a ser cristãos no mundo. O que acha que isto quer dizer e de que forma pode ser um cristão mais eficaz neste mundo?
- Se sente que Deus o está a chamar para se envolver em missões de uma forma mais directa (além de orar, ofertar, aprender e participar em viagens missionárias por curtos períodos de tempo),

visite o site <http://mobilization.nazarene.org> para ficar a conhecer as várias oportunidades de serviço missionário na Igreja do Nazareno. Pode ser que seja a pessoa certa para suprir uma necessidade vital no campo de colheita.



# APÊNDICE

## *Princípios estratégicos para o Corno de África*

Como mencionado na Introdução, cada grupo requer uma estratégia única para alcançar a sua cultura e as suas percepções de Deus. Seguidamente, são apresentados alguns princípios estratégicos que foram aplicados na Igreja do Nazareno em todo o Corno de África.

- Cada nazareno tinha a tarefa de fazer discípulos de Jesus, que por sua vez fariam mais discípulos, e assim sucessivamente.
- Cada Igreja do Nazareno estava incumbida de plantar uma igreja, que por sua vez plantaria outra igreja, e assim sucessivamente. As igrejas deveriam reproduzir-se a cada 6 a 12 meses e ficariam responsáveis pelo desenvolvimento das igrejas por si plantadas.
- Cada pastor nazareno tinha a seu cargo a tarefa de treinar um novo pastor, que por sua vez treinaria outro pastor, e assim sucessivamente. Este treino envolvia uma orientação contínua que complementava a educação já obtida através do programa de educação do campo.

- Quem recebia treino ficava responsável por treinar outros.
- Ninguém terminava o nosso programa de educação, ou era ordenado, sem que satisfizesse todos os requisitos acadêmicos, ou sem nunca ter plantado uma igreja já multiplicada.
- Haviam pelo menos três níveis de educação no nosso programa. Nós treinávamos formadores de formadores nos centros de estudo do campo. Esses formadores, por sua vez, treinavam professores de pastores. Os professores de pastores ensinavam pastores locais nos centros de estudos zonais. E mais informalmente, os pastores locais ensinavam os membros leigos nas igrejas locais. Os cursos variavam entre 2 a 3 semanas, dependendo do nível de formação.
- Usámos uma estratégia de discipulado baseada na obediência em vez de no conhecimento. Ou seja, focávamo-nos em ser obedientes à palavra de Deus, em vez de apenas a conhecermos.
- Uma vez por mês, as igrejas locais juntavam-se para um tempo comunhão em que participavam no ministério de compaixão e tinham sessões de formação, evangelismo, discipulado e plantação de novas igrejas. Entre 5 a 10 igrejas locais, seus pastores e congregação, encontravam-se de acordo com a sua localização geográfica. Destes encontros saíram equipas de camaradagem missionária que impactaram as aldeias vizinhas com a palavra de Deus. Os encontros permitiam-lhes comunhão profunda. As congregações passavam o dia juntas, até cair a noite, ministrando uns aos outros. Estes encontros duravam todo o fim de semana.

Haviam outros princípios na nossa estratégia, mas estes eram os pontos mais importantes. Acreditamos que esta estratégia, dada por Deus, criou as condições necessárias para que Ele se movesse por entre os 150 milhões de pessoas no Corno. Milhares e milhares de pessoas altamente resistentes ao Evangelho vieram a Cristo nos anos em que o Senhor nos deu o privilégio de O servir em missão no Corno de África.